

STREPTO

Documentação

CC-0/ANZIBITAL

Fonte: Veja

Data: 15/10/97 Pg. 147

Class. 451

Livros

Doutor na tribo

Romance reconstitui a trajetória de médico que dedicou a vida aos índios

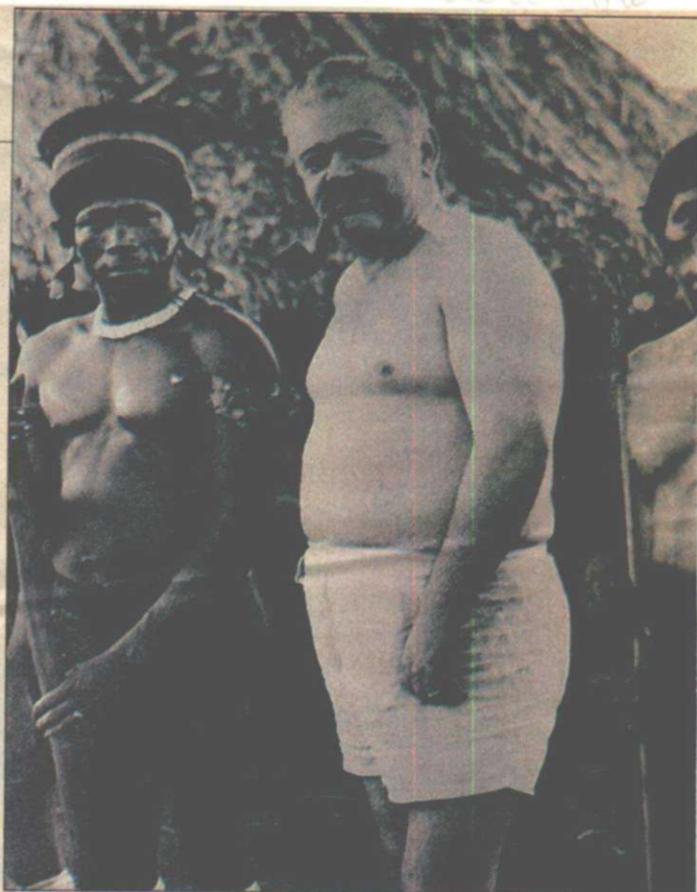
Diogo Mainardi

O narrador do último romance de Moacyr Scliar é um imigrante judeu que, no leito de morte, conta a história de sua vida para um médico: nasce na Rússia no começo do século, os cossacos ameaçam sua família, embarca ainda criança para o Brasil, trabalha por anos e anos numa lojinha do Bom Retiro, a mulher o abandona para morar num kibutz em Israel, o filho vai estudar em Paris. Ou seja, uma história como tantas outras, sem nada que a distinga. O único evento que parece conferir um certo significado à sua trajetória é ter feito a viagem migratória para o Brasil com um menino judeu que viria a se tornar uma celebridade entre nós, Noel Nutels. Enquanto o narrador de Scliar cresce enfiado numa lojinha do bairro judeu, seu companheiro de viagem se torna mais brasileiro que os próprios brasileiros, indo cuidar da saúde dos índios no meio da selva. A partir de então, o narrador de Scliar passa a viver somente através da mitificação de Nutels: coleciona reportagens a seu respeito, falsifica cartas em seu nome, recorda constantemente o breve período que passaram juntos, tem com ele longas conversas imaginárias. Nutels representa tudo o que ele não é. Nutels não se identifica com uma raça. O narrador de Scliar é a caricatura do imigrante judeu. Nutels tem um nome. O narrador de Scliar é rigorosamente anônimo. A memória de Nutels continua viva mesmo depois de sua morte. Ninguém se lembra do narrador de Scliar, ainda que ele continue vivo.

O título do romance é *A Majestade do Xingu* (Companhia das Letras; 210 páginas; 19 reais). *Majestade* é o nome da lojinha do narrador, no Bom Retiro. *Xingu* refere-se à sua derradeira fantasia de abrir uma lojinha idêntica entre os índios de Noel Nutels. Para quem não sabe,

Nutels é um personagem real. Depois de imigrar com a família de um vilarejo russo para um vilarejo alagoano, formou-se em medicina e, em vez de abrir um lucrativo consultório de urologia numa grande cidade, foi curar malária, tuberculose e varíola dos índios. Apesar de tratar de um personagem real, o livro não pode ser confundido com uma biografia romancada. O narrador de Scliar não tem acesso à esfera privada de Nutels, acompanhando-o de longe, mediante notícias de jornal ou anedotas de salão. O que conta, portanto, não é Nutels em si, mas o contraste entre ele e o narrador. O primeiro é um espírito aberto, curioso, orgulhosamente desenraizado, que começa a se comunicar por gestos com as crianças nativas assim que desembarca no Brasil. O segundo é medroso, protegido, sempre trancafiado em sua comunidade, sentindo-se perseguido por cossacos o tempo todo. Quando amputam o braço de seu pai, ele imagina que este tenha ido parar na mesa de modernos índios canibais, que moram na periferia da cidade e se alimentam de restos hospitalares. Os índios, para o narrador, seriam os novos cossacos. Nutels, por outro lado, não teme os índios: salva-os.

Câmaras de gás — Judeus e índios não seriam, afinal, a mesma coisa? É esse o ponto do romance, tão bem sintetizado na figura de Nutels. Quando vê um cacique chorar à margem do rio, ele se lembra de "um velho judeu sentado nas ruínas de sua casa, depois do pogrom, soluçando e



Noel Nutels e Moacyr Scliar (à esquerda): narrador anônimo

perguntando: 'Até quando teremos de derramar nossas lágrimas?'". Judeus e índios se assemelham num

aspecto fundamental: historicamente, foram vítimas do preconceito e sofreram repetidas tentativas de aniquilamento. É difícil não pensar nas câmaras a gás diante do grileiro João Mortalha, o maior inimigo de Nutels, que espalha pela selva roupas contaminadas de varíola a fim de dizimar os índios e apropriar-se de suas terras. O médico, com seus frascos de penicilina, representa uma espécie de antídoto contra o ódio em *A Majestade do Xingu*, um romance escrito por um médico (Moacyr Scliar) a respeito de um imigrante judeu que conta a história de um médico (Noel Nutels) para outro médico. Quando a mulher do narrador vai para um kibutz em Israel, Scliar estende a metáfora e compara os índios aos palestinos, com os judeus, desta vez, no papel do grileiro. Há quem reaja às ameaças fechando-se ainda mais, temendo a diversidade, manifestando seus rancores contra os mais fracos, como o narrador de Scliar. Há também quem seja como Nutels. É raro, mas há. ■

